

## HOMOEROTISMO E (DES) ENCONTROS COM A SUBJETIVIDADE EM DUAS NARRATIVAS CURTAS

*Bougleux Bomjardim da Silva Carmo (UNEB)<sup>77</sup>*

### RESUMO

Neste artigo, objetiva-se estabelecer reflexões acerca das relações homoafetivas representadas em textos extraídos de duas antologias de contos gays. Para tanto, articula-se, precipuamente, estudos contemporâneos acerca das homossexualidades na teoria psicanalítica (FREUD, 1976; QUINET; JORGE, 2020), textos relacionados à questão do poder, representação e violência (ADORNO, 1970; BOURDIEU, 2014; FOUCAULT, 2014; GINSBURG, 2012), com elementos das teorias de gênero (BUTLER, 2019; 2017; 2015) para uma compreensão determinada da emergência da violência e do estranhamento na performatividade do corpo e do homoerotismo, principalmente, acerca da divisão subjetiva frente aos papéis sexuais. Diante disso, toma-se como objeto de análise duas narrativas: “Sargento García” (ABREU, 2005) e “O futebol” (HONÓRIO, 1995). Como resultado, descreve-se elementos da ficcionalidade dos textos em questão para explicitar em que medida se cruzam hierarquizações, jogos de dominação, estereótipos, práticas e outros imaginários dominados pela heteronormatividade que, por sua vez, acentua, provoca ou sinaliza melancolia, ruptura, medos e violência no encontro de corpos do mesmo sexo.

**Palavras-chaves:** homoerotismo; psicanálise; representações; performatividade.

### ABSTRACT

This article aims to reflect about the homoaffective relations represented in texts extracted from two gay tale anthologies. Therefore, we articulate contemporary studies on homosexuality from psychoanalytic theory (FREUD, 1976; QUINET; JORGE, 2020), texts about to the question of power, representation and violence (ADORNO, 1970; BOURDIEU, 2014; FOUCAULT, 2014; GINSBURG, 2012), with elements of gender theories (BUTLER, 2019; 2017; 2015). Thereby, we try to point for a determined understanding of the violence and strangeness in the body and the homoeroticism performance, mainly, the subjective division regarding sexual roles. So, we take two narratives as analysis object: “Sergeant García” (ABREU, 2005)

---

<sup>77</sup> Doutorando em Estado e Sociedade pela Universidade Federal do Sul da Bahia. Mestre em Letras - Proletras pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Licenciado em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia. Tem formação teórica em Psicanálise Clínica pela Associação Brasileira de Psicanálise e Psicoterapias. Docente da Rede Estadual de ensino da Bahia e tutor de Letras/EaD da Universidade Estadual de Santa Cruz. *E-mail:* bougleux.carmo@hotmail.com

## *Gênero, sexualidade e identidades*

and “The football” (HONÓRIO, 1995). As a result, we describe elements of the fictionality of the texts in question to explain the extent to which hierarchies, games of domination, stereotypes, practices and other imaginary dominated by heteronormativity intersect, and, finally, how this question accentuates, causes or signals melancholy, rupture, fears and violence in the encounter of bodies of the same sex.

### **Keywords:**

homoeroticism; psychoanalysis; representations; performativity.

## ***1 Introdução***

Mais do que as representações sociais, a literatura pode desvelar na construção da ficcionalidade, ainda que inconscientemente, diversas dimensões que se entrelaçam na relação entre imaginários e formas de viver que, esteticamente, fazem ressoar as forças políticas, sociais e culturalmente estabelecidas, testemunhando e servindo como fonte histórica, pois, das mentalidades e visões de seu momento histórico (ADORNO, 1970). No trato com a dimensão do homoerotismo, do sujeito homossexual ou da homossexualidade eclodem-se diferentes manifestações dos modos de fazer-se sujeito. Em outros termos, há diversos matizes sobre o homoerotismo que precisam “sair do armário” mediante a crítica literária, posto que “ainda há muito a se investigar sobre a presença de vozes ficcionais e autores homossexuais na literatura desde seu nascimento, considerando diferentes gêneros literários e tendências artísticas” (PORTO, 2016, p. 86).

Com efeito, a metáfora do armário, como uma espécie de epistemologia que engendra discursos e práticas (SEDGWICK, 2007), coloca em circulação sentidos ambíguos e, por vezes, contraditórios relativos aos modos de como os sujeitos LGBTQIA+ se posicionam nas relações sociais. Entretanto, o recorte deste trabalho se detém sobre o homoerotismo entre homens gays, já que as homossexualidades são vivenciadas de formas muito diversas, do ponto de vista social, histórico e intersubjetivo, em razão das constrições da estruturação psíquica (QUINET; JORGE, 2020) e das questões político-culturais que perpassam essas vivências em suas performatividades (BUTLER, 2015).

Nesses termos, não se poderia colocar em posições equivalentes os modos de representação do homoerotismo entre homens e entre mulheres dadas as singularidades dessas homossexualidades, o que não pressupõe

hierarquização em termos de crítica ou análise literárias. Isso posto, o armário, conforme a metáfora acima mencionada, vem a ser uma *presença formadora*, apesar do apoio que diferentes sujeitos possam receber de suas comunidades imediatas (SEGDWICK, 2007). O texto ficcional, por sua vez, com a presença de homossexuais ou a ficção produzida por homossexuais se tensiona, portanto, nessas relações, práticas e discursos em diferentes medidas e tradições.

Não obstante, sobre esse último ponto colocado, importa destacar que as representações homoeróticas não dispõem ainda, em seu próprio interior, de uma mesma tradição de representações na produção literária, tal como se efetiva com homens gays e mesmo mulheres lésbicas – como é o caso da homocultura na Grécia antiga constitutiva da política e das relações socioculturais da pólis grega (SANTOS, 2009). Sob esse prisma, as representações de pessoas *queer*, transexuais, intersexuais, dentre outros grupos centrais da comunidade LGBTIQ+ são objetos da contemporaneidade e, por tal razão, são elementos de uma tradição ainda por construir-se e consolidar-se. Por tal razão, faz-se necessário um olhar detido sobre a erótica e as formas de sexualidade de cada singularidade ou de cada grupo para melhor entendimento das relações intersubjetivas e dos fenômenos que se apresentam nessas literaturas, enquanto campo de força dos modos de subjetivação dessas pessoas.

Por sua vez, o olhar psicanalítico contemporâneo, que tem atualizado o pensamento freudiano, postula a necessidade de encarar as homossexualidades distantes de quaisquer conotações patológicas, mas como uma instância pulsional constitutiva mesmo dos sujeitos heterossexuais, haja vista “que o ser humano tem uma constituição bissexual e que existem, em todos os indivíduos, coexistindo lado a lado, em proporções diversas componentes heterossexuais e homossexuais” (QUINET; JORGE, 2020, p. 14). Essa visada sobre as identificações sexuais tensiona os discursos centrados em uma suposta consciência da escolha ou “opção” sexual, por exemplo. Nesse prisma, a descoberta homossexual consciente deriva da bússola pulsional e de um longo processo de identificação que se desenvolve na história de cada sujeito (QUINET; JORGE, 2020).

Com isso, urge apontar para a intersecção entre o social e o individual nas representações das relações homoeróticas, com o objetivo de

## *Gênero, sexualidade e identidades*

indicar em que medida estão perpassadas por esquemas, hierarquias culturais e modos de subjetivação construídos coletivamente, mas que se espraiam para o âmbito da intimidade da performance dos corpos em suas formas e políticas de afetividade, bem como da insurgência das relações de poder nas diferentes configurações relacionais das homossexualidades. Sendo assim, busca-se interpretar as relações homoeróticas na centralidade dos aspectos da violência – como categoria estética - e do poder na condição de linhas que atravessam representações dos papéis sexuais e do desejo homoerótico em dois contos, sendo um de Caio Fernando Abreu, presente na obra *Morangos Mofados* (ABREU, 2005), e a segunda narrativa oriunda da antologia do conto gay brasileiro organizado por Honório (1995).

Sendo assim, a presente discussão abre-se para compreender as relações homoeróticas como um processo de transformação em um contexto social mais amplo de “esgarçamento” das forças conservadoras, em uma perspectiva dialética e, nos termos psicanalíticos, a partir da aporia do *estranhamento* das posições subjetivas e sexuais, pelo qual se pode observar circuitos de afetos outros como resultados de diferentes horizontes sociais historicamente em mutação. Tais mutações se dão de modo quantitativamente distintos em cada cultura e lugar.

### ***2 Desejos e afetividades homoeróticas na ordem do subalterno***

Em primeiro plano, convém assumir os elementos aqui analisados como parte de um estado de coisas da ordem do subalterno (SPIVAK, 2010). Com efeito, no âmbito da produção literária, a obra de Abreu (2005), com é o caso, pode ser tomada como um exemplo de discurso insurgente no contexto político e cultural de seu aparecimento, a saber, a ditadura militar, de ideologias conservadoras e da emergência do feminismo, na década de 80 (FERREIRA JÚNIOR; BORA, 2010, p. 111). Somando a essas dissidências, convém mencionar as propostas de arte no teatro e na dramaturgia nas quais buscava-se tensionar as normatizações ora impostas, bem como propor outras estéticas nas quais as sexualidades, os sujeitos *queer* e outras formas de enunciação de gênero pudessem inquietar a sociedade via ativismo (TRÓI, 2019), que, desde meados do século XX, sinalizam, dentre outros elementos:

[...] fatores como o recrudescimento da violência contra a população LGBT; o aprisionamento do movimento gay institucionalizado à lógica heteronormativa e bem-comportada; a aposta no paradigma da igualdade e dos marcos legais sem considerar as estruturas discriminatórias presentes no próprio aparato estatal; o crescimento dos estudos de gênero e sexualidade no Brasil; a não adequação às normas corporais e comportamentais propagandeadas pelas instituições sociais; o advento das redes sociais como plataforma de divulgação e reverberação desses trabalhos; entre outros aspectos. (TRÓI, 2019, p. 44).

Porém, ainda incipiente enquanto um campo de investigação estético-literário, o homoerotismo, nessa época, impôs-se como uma voz a ser ouvida no âmbito do cânone, sendo, dessa forma, um tipo de discurso “ex-cêntrico” atrelado à patologização e marginalização, que se deve curvar à uniformização dos desejos e arquétipos da sociedade burguesa heteronormativa (MITIDIERI; CAMARGO, 2015; PORTO, 2016). Nesse sentido, não só a obra analisada, sobre a condição homoafetiva, enquanto manifestação das sexualidades em busca de reconhecimento, como também a própria investigação sobre o homoerotismo no campo da estética são elementos ainda em busca de centralidades e, tal como sinaliza Porto (2016), não dispomos de uma cartografia desses estudos, senão releituras do cânone e incursões poderosas em busca de melhor entender as representações homoeróticas.

Tal cenário impõe a caracterização desse conjunto como subalterno, dado que “não é fácil em uma cultura ainda machista e homofóbica como a brasileira falar de questões da homocultura”, conforme postula Dias da Silva (2015, p. 07), em virtude do medo, dos modelos religiosos, notadamente, judaico-cristãos ou mesmo por considerar tais questões com indiferença e desimportância. Nessa esteira, urge questionar quanto à importância de se compreender as performatividades homossexuais no que tange ao encontro dos corpos e afetividades a fim de tensionar os modelos e normas vigentes.

Com efeito, torna-se procedente tal incursão como forma de compreender o domínio dos afetos sob atravessamentos de relações de poder que são da ordem do coletivo, já que se manifestam no nível macro das relações sociais, pois, como bem aponta Bourdieu (2014), são muitas as estruturas de divisão sexual, noções abstratas das relações sociais, diferentes formas de dominação emergentes no tecido coletivo e que invadem à

### *Gênero, sexualidade e identidades*

intimidade como noções naturais e eternizantes. Dessa maneira, tais processos são envolvidos linguisticamente e simbolicamente para, a partir daí, serem manifestados no nível da intimidade como ecos dessa ordem (BOURDIEU, 2014). Em última instância, tais ordens são conformadoras de um *habitus* sexuado, na qual o masculino domina arbitrariamente, não obstante com ares de coerção natural, como se tudo fosse biológica e naturalmente sobredeterminado (BOURDIEU, 2014).

É fundamental considerar que a noção de intimidade é bastante opaca e modula conforme novos processos de subjetivação e sociabilidade que se instalem na cultura e na sociedade. Da mesma forma, não se pode desvincular da dimensão política o fato de que a relação público-privado encontra-se em linhas bastante tênues, porquanto a intimidade está sujeita à construção temporal e discursiva dos espaços e relações com os corpos, seus usos e significados imputados sobre esses processos (ARFUCH, 2005).

Nessa perspectiva, compreendendo, a partir de Freud (1976) e Bourdieu (2014), a força do falo, como expressão simbólica do poder, na construção das representações coletivas, é possível perceber como papéis sexuais no domínio das relações homoeróticas são semiotizações de uma suposta naturalização, notadamente, na cultura judaico-cristã ocidental, da dominação sexual do macho sobre a fêmea, como arquétipos relativos aos papéis biológicos hegemônicos, aos desejos, práticas e relações de poder determinantes das conjugalidades dos corpos. Conforme as pistas freudianas e bourdieusianas, essas relações falocizadas subjugam certas práticas e corpos, sobredeterminam o que insufla o erótico, perpassando a performance e fazendo vigorar, em alguma medida, formas de violência que se manifestam em signos de opressão, sentimentos e afetos comprimidos, sufocamentos dos sentidos, dificuldade quanto às percepções da própria subjetividade, abandono, autodepreciação ou mesmo em atos e comportamentos de agressão deliberada, por exemplo.

Portanto, sob essa ótica, nada no homoerotismo pode ser tomado, consoante aqui argumenta-se, como algo da ordem eminentemente subjetiva e ao acaso da vontade consciente, senão na intersecção desses atravessamentos coletivos e simbólicos que imbricam-se determinando modos de ser homossexual e a performatividade dos encontros como construções sociais (FOUCAULT, 2014). Há, pois, uma relação entre falo e *logos* no âmbito dos usos do corpo e seus prazeres sob o primado da masculinidade (BOURDIEU,

2014). Diante disso, urge questionar como a posição sexual e determinados usos do corpo são conjugados nas relações homoeróticas, ora retiradas do âmbito circunscrito do desejo subjetivo, bem como sobre as interdições mormente estabelecidas e que tipo de *logos* permeia o sexo ou o desejo gays.

São inquietações das quais o discurso ficcional pode desvelar enquanto representação, já que a “homossexualidade é obliterada pelas leituras críticas de base canônicas, sendo pouco ou nada incisivas ao posicionar a temática” (GARCÍA, 2014, p. 22). Nessas condições, pode-se operar com modos de fala e enunciações de desejos experienciados no campo das interdições culturais, políticas e sociais. Assim, para além da subalternidade de gêneros, no campo das afetividades (PIOSIADLO; FONSECA; GESSNER, 2014) ter-se-ia, então, uma subalternização de papéis em jogos de dominação afetivo e sexual, tendo os estereótipos um profundo e fundamental papel na intersecção coletivo-individual, porquanto funcionam como crenças, modos operatórios, maneiras de tratar a informação ou mesmo como um modo de controlar comportamentos (PIOSIADLO; FONSECA; GESSNER, 2014).

Consoante as autoras, as relações afetivas são conformadas histórica e socialmente, legitimando-se em divisões consideradas naturais, mas perpassadas por violência. Mais ainda, há, por vezes, uma naturalização da violência no contexto da intimidade das relações, velada por interditos, medos e papéis inferiorizados. Relações essas que se amplificam para além das heterossexualidades, senão, também, às homossexualidades. Trata-se de um debate que a teoria psicanalítica também participa buscando compreender as questões éticas e estéticas a partir de seus postulados, conforme se tratará a seguir.

### ***3 Homossexualidades no divã psicanalítico contemporâneo***

O propósito, nesta seção, é situar, em breves notas, alguns elementos centrais do debate contemporâneo sobre as homossexualidades a partir da própria teoria psicanalítica, partindo de algumas formulações freudianas (FREUD, 1976) e de psicanalistas pesquisadores (as) que têm atualizado muitas dessas formulações (QUINET; JORGE, 2020). Recorre-se a esses elementos para a compreensão da descoberta consciente do desejo homosse-

### *Gênero, sexualidade e identidades*

xual que se irrompe na experiência vivida pelas personagens nos textos analisados neste trabalho.

Sendo assim, tópicos centrais como o processo de (des) patologização da homossexualidade, tal como já feito por Paoliello (2020), os movimentos sociais, políticos, científicos e culturais que corroboraram para isso não serão aqui tratados, pois seria necessário um espaço maior para a discussão e crítica cultural, das mentalidades e dos diversificados movimentos – centralmente os feministas - que influenciaram o cenário/discurso de aceitação e de criminalização da condição homossexual, tal como o discurso científico do século XIX e a cultura judaico-cristã (QUINET, 2020).

Além disso, embora as teorias de gênero, em geral, construam-se sobre uma acentuada crítica às inúmeras formulações freudianas e a própria teoria psicanalítica pós-freudiana ter contribuído negativamente para o trato com a homossexualidade, como assinalam Quinet e Jorge (2020), é preciso endossar o papel da teoria psicanalítica sobre a condição homossexual, devido as contribuições de Sigmund Freud para um olhar sobre a questão a partir da fenomenologia das pulsões, da hipótese do inconsciente e das variações da sexualidade humana, claramente na contramão da sexologia, psiquiatria e cultura de sua época. A partir desses postulados, pode-se, então, problematizar as situações vividas no texto ficcional enquanto expressões de experiências no tocante à realidade. Todas essas dimensões envolvem-se em um profundo manto político e de representações mormente sedimentados em discursos sobre os modos de ser, de sentir e desejar culturalmente localizados.

Sendo assim, tomemos a nota de Freud (1976) na edição de 1915 do texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*:

Todos os seres humanos são capazes de fazer uma escolha de objeto homossexual, e que na realidade o fizeram em seu inconsciente. Realmente, as ligações libidinais com pessoas do mesmo sexo desempenham um papel tão importante como fatores na vida psíquica normal, e mais importantes como causa da doença, quanto ligações idênticas com o sexo oposto. Ao contrário, a psicanálise considera que a escolha de um objeto, independentemente de seu sexo, - que recai igualmente em objetos femininos e masculinos-, tal como ocorre na infância, nos estágios primitivos da sociedade e nos primeiros períodos da história, é a base original da qual, como consequência da restrição num ou noutro sentido, se desenvolvem tanto os tipos normais como os invertidos. Assim, do ponto de vista da psicanálise, o interesse sexual exclusivo de homens por mulheres também constitui um problema que precisa



ser elucidado, pois não é fato evidente em si mesmo, baseado em uma atração, afinal de natureza química (FREUD, 1976, p. 132).

Sigmund Freud situa claramente a complexidade não só da homossexualidade, como da própria heterossexualidade, imposta como norma social. Consoante Paoliello (2020), Freud substituiu, mais tarde, o termo *invertido* por *homossexual* para distanciar-se das conclusões da psiquiatria da época que posicionava o desejo por iguais como uma questão congênita e associada às diversas doenças mentais. Urge assinalar a distinção na teoria freudiana entre pulsão e escolha de objeto, uma vez que “o que ele chama de pulsão ou tendência homossexual, que é um componente libidinal de todo ser humano, e a homossexualidade exercida na prática como uma escolha de objeto efetivada pelo sujeito (consciente ou inconsciente)” (QUINET, 2020, p. 93).

Assim, o médico vienense considerava a homossexualidade um mistério e desenvolveu várias hipóteses para sua origem, porém todas as suas observações clínicas o levaram a posicionar-se na direção contrária à cultura, legislação e pesquisa psiquiátrica e sexológica de sua época para postulá-la como uma das variantes da sexualidade humana. Dito isto, é a teoria freudiana que, a *priori*, arrisca-se a tirar o desejo homossexual do limbo, da doença, dos comportamentos patológicos e enfrentar seriamente a condição subjetiva e afetiva de homens e mulheres frente às instituições políticas, religiosas e médicas de sua época.

Sob esse prisma, a escolha de objeto, que leva o sujeito na fase genital, conforme a metapsicologia psicanalítica, a estabelecer práticas bi-hétero-homossexuais – com a devida licença para o neologismo empregado – se efetiva na história do desenvolvimento libidinal das identificações sexuais que operam inconscientemente ao longo da vida. Isso é da ordem da individualidade, da subjetividade e da historicidade do sujeito. No entanto, seguindo as assertivas de Quinet (2020), a pulsão, que é a energia libidinal, caracteriza-se pela sua emergência em todo ser humano, dada a bissexualidade inerente e inconscientemente assentada, como espaço privilegiado da diversidade humana em relação ao outro, posto que “o verdadeiro parceiro é o objeto *mais-de-gozar (a)* de cada um, que pode se alojar num homem ou

### *Gênero, sexualidade e identidades*

mulher (independentemente de seu sexo anatômico ou posição subjetiva feminina ou masculina)” (QUINET, 2020, p. 96 – grifos do autor).

As práticas sexuais são contingentes, mesmo as heterossexuais, que estão sob a opressão de discursos e normas sociais historicamente construídas na diferenciação de papéis. Por exemplo, o uso dos prazeres, a forma de utilizar o próprio corpo, as práticas masturbatórias, o exercício do gozo não se dá ainda com as mesmas liberdades entre homens e mulheres que se identificam como heterossexuais, enquanto escolha de objeto *mais-de-gozar* ou *objeto (a)*, nos termos lacanianos empregados por Quinet (2020). Apesar dos avanços em termos de despatologização em meados do século XX pelos organismos internacionais de saúde, das liberdades e direitos civis homoparentais conquistados, bem como a ampliação dos espaços de circulação de discursos, práticas, experiências e visibilidades, a homossexualidade, enquanto prática, ainda se defronta com um amplo debate pela aceitação, recusas, normativizações e subalternização.

Como será visto na análise dos contos, a condição de atividade ou passividade da energia pulsional - masculino ou feminino em termos de posição subjetiva frente ao deslocamento das pulsões na direção do objeto - não são elementos que se restringem à anatomia e à fisiologia genital, pois, segundo Quinet (2020, p. 101) “Lacan desconstruiu a relação ‘sujeito ativo *versus* sujeito passivo’ ao apontar que ‘o objeto é ativo e o sujeito é subvertido’”. Assim, homens e mulheres nas diferentes combinações de escolha de objeto sexual podem se posicionar como sujeitos ou objetos em relação ao desejo do outro (QUINET, 2020).

Essa questão da posição ativa e passiva é, justamente, o que desperta ou provoca, em muitos homens homossexuais ou que se descobrem como tal, conforme sinalizam as narrativas, as divisões subjetivas sobre seus papéis em termos de masculinidade. Colocando em miúdos, assumir uma posição passiva na relação sexual os fariam menos homens, ou inferiores ou objeto de escárnio social caso assumissem tal posição. Nesses termos, o desafio de ser homossexual existe pelas restrições e normas sociais e culturais opressoras sobre papéis sexuais, de gênero e de identidade (BUTLER, 2015) que produzem sofrimento subjetivo e destroçam os sentidos que homens e mulheres produzem sobre si mesmos (as) no processo de subjetivar-se.

Em psicanálise, a sexualidade encontra sua centralidade como um campo de forças intersubjetivas para o qual se convergem discursos, normas,

introjeções, (inter)ditos, instituições e outros elementos que vão transitar entre o biológico, o pulsional, o comportamental e o psíquico. Sendo assim, é preciso pensar nessas questões quanto ao homoerotismo e ao desejo homossexual, dada a condição de certo ostracismo que homens e mulheres homossexuais ainda vivem na contemporaneidade, apesar de mudanças significativas no âmbito político, cultural e social.

#### ***4 Performatividades, poder e violência no homoerotismo***

Para Ferreira Júnior e Bora (2010), a constituição do itinerário homoafetivo construído por Caio Fernando Abreu se efetiva na relação entre aquilo que é coletivo com o individual, pela qual as experiências vividas pelos sujeitos são vertidas tanto pelo público quanto pelo privado, mediado por um estilo experimental que busca inserir-se em um contexto político de retomada da própria condição de ser, na qual “verifica-se que o papel do escritor como artífice, busca reproduzir em termos ficcionais a necessidade de expressão de uma linguagem de pulsão homoerótica através da sexualidade como diferença (FERREIRA JÚNIOR; BORA, 2010, p. 111). No que concerne aos contos da antologia de Honório (1995), trata-se de um panorama da diversificada produção da estética homoerótica brasileira, notadamente, de escritores (as) esquecidos (as), marginais ou não-canônicos.

Em virtude dos limites e objetivos deste trabalho, determinadas passagens das narrativas em Abreu (2005) e Honório (1995) são destacadas para exposição da análise. Nessas condições, apresentam-se como *flashes*, trechos e cenas dos contos que exprimem o fio argumentativo deste trabalho. Tal forma de incursão deve funcionar como uma metodologia exploratória das problemáticas apresentadas e, assim, o conjunto de recortes deve propiciar uma discussão das possibilidades de análise do universo das representações.

#### ***4.1 Homoerotismo no conto “Sargento Garcia”***

Em um primeiro plano, no conto “Sargento Garcia” (ABREU, 2015), o narrador-personagem, ao assumir a enunciação, vigora trazer ao leitor as miríades de sua experiência homossexual. O enredo se estabelece no

### *Gênero, sexualidade e identidades*

contato do jovem Hermes, 17 anos, no alistamento militar a fim de averiguar suas condições de serviço militar. A situação de hierarquia e poder se estabelece no primeiro contato do jovem com um sargento do quartel que realiza a verificação dos jovens a serem alistados. Cena que envolve gritos, comandos e todo o esquema de ação esperado por um militar. No entanto, ao fim desse momento, o jovem, ao ir embora do quartel, reencontra-se com o sargento que lhe oferece carona. A partir daí, então, a relação entre ambos se modifica, em virtude do interesse despertado no sargento Garcia pelo jovem.

Durante a carona, o militar não tarda em deixar claras suas intenções e o contexto das informações e impressões colocadas na narração apontam para sua experiência e percepção de como o jovem era diferente em relação aos homens com os quais ele estava acostumado a tratar no quartel, pois Hermes, para o sargento era “assim, um moço fino, educado. Bonito” (ABREU, 2015, p. 121). O Garcia investe sobre o jovem com toques enquanto dirigia, sugerindo que fossem para outro lugar, insinuando intenções sexuais. Quanto ao jovem, se pela força das circunstâncias ou por uma curiosidade despertada naquele momento, conjecturava o fato de que “o mundo era enorme, cheio de coisas desconhecidas, nem boas nem más [...] esperando só a hora de a gente ficar ofuscado para sair flutuando no meio do que se podia tocar” (ABREU, 2015, p. 122). Em síntese, Hermes começa a se permitir às investidas do sargento.

O encontro se estabelece em algum local, talvez um prostíbulo, porém um espaço, ao que parece, bastante frequentado pelo Garcia e guardado por Isadora. O ensejo sexual se estabelece abruptamente e com o jovem realizando os desejos do militar que, adulto feito e experiente, conduz o intercuro no sentido de satisfazer-se sem preocupar-se com a condição do jovem, sua primeira vez, sua condição nova, agora desperta. Para o jovem, a mistura de sensações, muitas contraditórias entre si, a descrição dos cheiros, do ambiente e dos toques aponta para um estado de contemplação que distancia a percepção do ato sexual em si.

Nesse contexto, o estabelecimento de papéis imposto pelo sargento não coloca o rapaz na condição de viver a experiência homossexual sob seu próprio controle ou sob seu consentimento, senão acuar-se sob o comando do militar. Tudo isso coloca Hermes em uma condição de objeto, medo, indecisão e total insegurança por não conseguir participar da condução do intercuro sexual: “quis gritar, mas as duas mãos se fecharam sobre a minha

boca. Ele empurrou, gemendo [...] Mordeu minha nuca. Com um movimento brusco do corpo, procurei jogá-lo para fora de mim” (ABREU, 2015, p. 128).

A descrição desse encontro, por sua vez repleta de impressões sinestésicas, memórias e observações sutis quanto aos detalhes das sensações que vive, aponta para o modo como o narrador abstrai os eventos à medida em que os vive. Com efeito, sua primeira experiência com outro homem o deixa absorto em possibilidades, ao passo que irrompe seus medos. Medos, com efeito, relativos à confusão gerada por desejos até então recônditos e adormecidos, isto é, tinha consciência de que sua condição não poderia mais ser negada, embora não sabia o que fazer com tudo o que tinha vivido. Simultaneamente, seu contato com o sargento Garcia fez “acordar alguma coisa que não devia acordar nunca, que não devia abrir os olhos, nem sentir cheiros, nem gostos, nem tatos, uma coisa que deveria permanecer para sempre surda cega muda” (ABREU, 2015, p. 129).

Preciado (2009) afirma que o desdobrar do homoerotismo desencadeia vergonha, repulsa e outros estados psicológicos. De fato, a *psique* precisa lidar com uma série de interditos culturais, religiosos e a condição ambígua da sexualidade. Mais ainda, a referida autora aponta para as alterações identitárias em razão do desejo homossexual. Nesses termos, Hermes, em Abreu (2015), precisa aprender a lidar com o jogo dos medos sociais relativos aos interditos desse novo desejo nele desperto. Butler (2015) endossa a inter-relação entre identidade e gênero, destoando da tradição que toma essas dimensões de forma estanque. Para a filósofa – profunda leitora das teorias freudianas e foucaultiana - a questão do gênero é parte constitutiva da condição de coerência identitária e é preciso atentar-se para as forças reguladoras que socialmente impõem suas conformidades, como se coerência, em termos de identidade, se efetivassem na relação contígua entre sexo, gênero, prática sexual e desejo “pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou ‘feito’ de ambos na manifestação do desejo sexual” em uma inteligibilidade constitutiva e naturalizada (BUTLER, 2015, p. 43-44).

A partir do raciocínio da autora, pensar a condição do Hermes, no conto, é refletir na relação das forças reguladoras, que impõem lógicas binárias na condição do ser, com suas próprias descontinuidades, isto é,

### *Gênero, sexualidade e identidades*

estabelecer sua própria linguagem, seu gênero, sua condição identitária e, dessa forma, estabelecer uma unidade na sua própria experiência. Nas cenas descritas acima, o rapaz não pode escolher quais papéis desempenharia ou como o intercuro sexual poderia se desenrolar. Disso resulta os sentimentos de objetificação e não de uma vivência de descoberta dos próprios desejos e modos de dar-lhe materialidade.

Contudo, tal empreendimento, enquanto modo de subjetivação, carrega seus medos, uma vez que se trata de um processo de reconstrução e o jovem do conto em questão encontra-se confuso: “meu caminho, pensei confuso, meu caminho não cabe nos trilhos de um bonde” (ABREU, 2015, p. 130). Trata-se, pois, de encontrar saída para as pressões estabelecidas a partir do momento que o desejo, até então recôndito, vem à tona.

Uma narrativa aparentemente tão sensível opera, por meio de sua forma, um tipo de violência ao estatuto estético dominante. Adorno (1970) entende que a obra muitas vezes se encontra insatisfeita como aquilo que é socialmente determinado. Abreu (2015) ao inserir um militar no enredo, em um conto que originalmente foi escrito aos fins da ditadura militar brasileira, enfrenta sutilmente todo esse contexto. A forma do conto “Sargento Garcia”, os elementos que coloca em relevo, as nuances descritivas daquilo que o narrador-personagem enuncia, a violência do ato sexual, o medo e as contradições relativas ao desejo homossexual que emergem são dimensões que podem adentrar à consciência, pois aquilo que estava flutuante e difuso angaria uma materialidade na linguagem da descoberta - enquanto tomada de consciência - e abstração do jovem Hermes frente ao jogo de forças atravessam sua experiência.

É preciso ainda um olhar sobre outros pontos sensíveis denunciados no conto em tela. Trata-se da situação de divisão subjetiva desperta no Hermes ao considerar o estranhamento de seu desejo, ou seja, o desejo homossexual como um domínio do estranho, no sentido atribuído por Freud (1976), como seu duplo ou aquilo que desliza de suas fantasias narcísicas e primárias levando-o à profunda angústia. Essa irrupção violenta em sua subjetividade, em um tempo profundamente hostil à condição homossexual, coloca Hermes frente ao inominável de sua condição, ao medo dos destinos daquilo agora desperto, em suma toca o real do que pairava em seu inconsciente pulsional (JORGE, 2020).

Concomitante, a situação do sargento Garcia sinaliza para uma rede de operações discursivas de elevado interesse nesta discussão. Ao que parece, o militar vivia suas práticas homossexuais paralela e sub-repticiamente à instituição militar, ora grande representante do discurso heteronormativo, dos modelos de masculinidade e de papéis de gênero, bem como sondava os recrutas, respondia ao seu próprio desejo. Não obstante, sua posição predatória refletisse sua posição social, tal fator não se apresenta como divisão subjetiva ou estranhamento, porquanto não é fonte de angústia. Sua forma segura de agir denota a experiência de sair-se frente às contingências para viver suas práticas homossexuais.

São, portanto, duas formas conflitantes de vivência da homossexualidade em suas temporalidades, expectativas e que revelam a multiplicidade dos perigos envolvidos para cada sujeito, já que, de um lado tem-se um homem adulto, experiente e que aprendeu a lidar com as contingências, com os cenários e subterfúgios. De outro, um adolescente inexperiente, imaturo e inseguro colocado à própria sorte e ao devir de possibilidades ainda não pensadas. O encontro violento dos corpos provocou, no mais jovem, o desencontro com sua própria subjetividade.

#### ***4.2 Homoerotismo no conto “O futebol”***

No conto “O Futebol”, de Adnu Banos em Honório (1995), o contexto de personagens masculinos e viris, jogadores de futebol após um jogo em incursões no vestiário, apresenta um conjunto improvável para presença aberta do homoerotismo, ao menos relativamente ao tempo da escrita desse conto, cercado de maiores tabus e interditos. Contudo, um jogo de olhares e movimentações entre um atacante um pouco ferido no jogo e um goleiro que, inusitadamente, o observa, abre caminho para aproximações e toques amistosos, fator que desperta no goleiro, pela primeira vez, a atração por outro igual. O narrador, de posse da enunciação, não dá voz aos sujeitos e a narrativa está entregue a sua onisciência. Os jogadores, por sua vez, aproveitam-se do esvaziamento do vestiário para dar vazão à experiência sexual entre iguais.

Nesse ínterim, a narrativa se enche de descrições da performance, detalhes dos corpos, da forma do toque, dos sentidos e sentimentos

### *Gênero, sexualidade e identidades*

despertados no intercuro sexual carregado pela emoção e medo da descoberta ou de um possível flagrante. Contudo, o que chama atenção é o conjunto de emoções vividas pelo goleiro em seu primeiro contato com outro corpo masculino. Narra-se desejo e repulsa, ansiedade em experimentar mais uma vez, o medo de ter o corpo violado, de experimentar o papel passivo no intercuro sexual: “ficou imaginando: e se esse cara quiser me enrubar? Estou fora, porque sou é macho” (HONÓRIO, 1995, p. 39). Não obstante o interdito, o encontro abrupto e as formas de toque o permitiram experimentar práticas e sensações novas ao goleiro. Com efeito, persiste a ideia no imaginário social de que determinado papel sexual, a posição de ativo no intercuro sexual, definiria a masculinidade e, portanto, a experiência de excitar-se com outro homem, na descoberta, apresenta seus limites e medos, em virtude da construção social dos papéis sexuais (BOURDIEU, 2014). Tais colocações bourdieusianas dialogam com a noção de abjeto e abjeção culturalmente construída pelas heteronormatividades discursivas que perpassam a subjetivação, em um mecanismo performativo que institui um repúdio constitutivo, formador e fundante, pelo qual “o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma formação que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, ‘dentro’ do sujeito” (BUTLER, 2000, p. 197).

A experiência se repete, posto o goleiro já se sentir envolvido, em certa medida, com o companheiro de partidas. O atacante, mais ousado, arranja uma situação para propiciar um novo encontro e assume o controle do jogo. O goleiro viu-se no papel passivo da performance do encontro: “era uma situação ridícula, ser cantado por outro homem. E o que falar? O que iria acontecer numa cama?” (HONÓRIO, 1995, p. 40). A posição passiva, considerada como um papel feminino, é mote de preconceitos sob o discurso de rebaixamento, humilhação e inferioridade, como o é considerado pela mentalidade conservadora e heteronormativa.

O encontro casual, com pouca interação em termos de diálogo, descamba na excitação do sexo, mais uma vez, ricamente descrito quanto à performance e como os corpos se movimentam. De fato, a descrição do sexo é recorrente no conjunto das representações do homoerotismo, uma presença marcante que vigora, aparentemente, na necessidade de naturalizar o que comumente foi tratado com desviante, patológico, demoníaco, consoante nos mostra a literatura.



Sendo assim, do ponto de vista heurístico e epistemológico, são as investigações psicanalíticas freudianas que dão o ponto de partida para retirar a homossexualidade e o homoerotismo do campo das perversões sexuais – à época chamados de invertidos frente aos ditos normais - para colocá-los como parte das variantes da sexualidade humana, assim como é a teoria freudiana que assume o termo homossexual no lugar de “invertido” (PAOLIELLO, 2020). A história da despatologização da homossexualidade é um tema de grande interesse e que merece um espaço maior que não cabe nos propósitos deste trabalho.

Em todo caso, assume-se que essa construção narrativo-descritiva das cenas que envolvem performances sexuais como uma possível característica da forma narrativa homoerótica, já que a forma artística pode ser uma maneira de esgarçar a unidade totalizante, conforme Bastos, Cabral e Rezende (2014). Assim, o comumente aceito pode se desconstruir, tal como a questão da patologização do desejo homoerótico. Tal desconstrução se deu paulatinamente e não se pode afirmar que tenha se encerrado, dado embate contemporâneo sobre a posição social, cultural e afetiva das homossexualidades frente aos discursos, instituições e movimentos reacionários.

No contexto da cena em questão, o ato sexual rompe com todos os interditos atinentes ao goleiro e, ao ceder às carícias consoante o papel passivo do intercuro sexual, “sentia um novo prazer, diferente até então” (HONÓRIO, 1995, p. 41). A cena do contato sexual insinua o atacante, em papel ativo, controlando a situação e retirando todas as condições do goleiro desvencilhar-se, denotando uma condição “dolorida para o goleiro que tentava se desvencilhar de seu estuprador” (HONÓRIO, 1995, p. 41). Nesse ponto da performance, o goleiro se viu obrigado a acostumar-se com o ato, já que o atacante tinha mais força e procedeu com o ato até a sua consumação orgásmica. Para o goleiro “aquele fato perturbou-lhe por toda a semana, sentia-se diferente, queria repetir aquela experiência. Tinha sido dolorosa, mas no final gostara” (HONÓRIO, 1995, p. 41). Toda essa incursão no conto mostra as rupturas de papéis a que os sujeitos se permitem em um misto de aventura e violência, curiosidade e interditos, uma vez que uma das personagens adentra a um campo totalmente novo, novo modo de subjetivar-se e subverter a própria identidade (BUTLER, 2015).

### *Gênero, sexualidade e identidades*

A narrativa de “O futebol” encerra-se com o goleiro, agora interessado em vivenciar mais uma vez a experiência, percebendo o seu pretense parceiro em um novo jogo sexual no mesmo vestiário e, diante da situação, “uma fâsca de raiva botou-lhe no olhar, sentiu ciúmes, sentiu o mundo desabar a seus pés, demorou a entender que tinha sido mais um na mão daquele que lhe mostrara um novo prazer” (HONÓRIO, 1995, p. 42). Tal situação apresentada à personagem é decepcionante pelas quebras de expectativas, sua posição objetificada, tendo em conta sua autopermissão em dessubjetivar-se de suas concepções de masculinidade e afetividades permitindo-se à entrega de um novo papel sexual e em uma pressuposta confiabilidade no outro, um estreitamento de laços que, ao fim, foi unidirecional, além da tentativa de domesticação do próprio corpo, quase como o arquétipo do sonho de Artemidoro, antecipando o papel sexual oniricamente vivido (FOUCAULT, 2014).

Nesse contexto, o sujeito encontra-se perdido em si mesmo, precisa encontrar um modo de subjetivar-se frente às indefinições apresentadas, notadamente, frente à melancolia instaurada por perder a si mesmo (GINZBURG, 2012). Com efeito, a personagem do goleiro se depara com o estranho em si, seu duplo no desdobrar-se de suas fantasias, um embate entre a anatomia de seu corpo e os papéis ora socialmente impostos quanto ao discurso da masculinidade. Para Quinet (2020, p. 93), “o real da anatomia não impede que homens e mulheres tenham dúvidas e se perguntem sobre sua posição sexuada, ou seja, se são ‘efetivamente’ homens e mulheres”. Trata-se, no contexto do conto, de um momento de ruptura, já que a homossexualidade, consoante Quinet (2020, p. 93) “é transestrutural. Ela é uma escolha de gozo do sujeito”, já que é encontrada em diferentes “níveis” independente da prática e dos usos do corpo e do prazer, no sentido foucaultiano.

Como pano de fundo dessas construções, reinam hierarquizações populares acerca dos papéis sexuais, nas quais a posição ativa se reserva à masculinidade dominadora, superior e a posição passiva como feminina, submissa, inferior e carregada de conotações negativas, estigma e termos pejorativos, como “boiola”, “viado”, “bicha”, “xibungo” (SIMÕES, 2012). No conto em questão, a condição de vivência da experiência homossexual se efetiva sempre nas fronteiras e interstícios entre o público e o privado, como experiência íntima que não pode ou não deveria ser reconhecida pelo sujeito

como uma forma de afetividade possível ou lícita enquanto prática ou modo de enxergar a própria masculinidade.

### **5 Considerações Finais**

O presente texto aponta para a subalternidade da discussão relativa ao homoerotismo no âmbito da pesquisa estética contemporânea. Mostrou-se em como as afetividades, medos e desejos homoeróticos refletem hierarquias sociais pela dificuldade em lidar com as identificações e posições sexuais, em virtude do domínio dos estereótipos de masculinidade sedimentados. Problematizou-se a manifestação da estética da violência mediante, não só as representações, mas pelo esgarçamento da forma literária ao impor, no discurso, elementos marginalizados ou excluídos do imaginário coletivo heterossexista ao inserir, nesse mesmo imaginário, aquilo que é da ordem homossexual.

As personagens presentes nos contos aqui analisados estão em discursos fronteiros no modo de fazer-se sujeito. Diante dos questionamentos postos neste trabalho, mostra-se que não só a descoberta do desejo homossexual é fonte de angústia, mas também o modo de lidar com os papéis sexuais. Interessa notar o conflito em sentir o desejo homossexual, ao passo que o mesmo estranhamento não se daria com o despertar do desejo heterossexual. Isso posto, a experiência homoerótica perpassada por performances violentas ou pela violência das transformações dos sentidos produzidos internamente pelo sujeito nos encontros provocam rupturas subjetivas, divisões e estranhamentos.

Nesses termos, ratifica-se o poder e a violência das constrições culturais sobre as afetividades à margem, na íntima relação entre cultura e a construção de identidade e gênero, bem como nos usos do corpo, do prazer e no ensejo de voltar-se à interioridade para compreensão e cuidado de si. Em todo caso, trata-se de uma violência que também se irrompe na divisão subjetiva abrupta vivida pelas personagens das narrativas. Interessante é que, pela própria natureza da narrativa curta, as situações não se fecham completamente, pois cada sujeito precisará posicionar-se frente ao novo cenário interno e às interdições sociais, aos próprios destinos e ao desejo que não pode ser mais negado sem que isso custe novos sofrimentos. Dessa

### *Gênero, sexualidade e identidades*

forma, ao esgarçar os limites do próprio corpo, as personagens se defrontam com novos circuitos afetivos.

Há, obviamente, elementos da narração que poderiam ser entendidos como uma tentativa de simbolização social, nos termos psicanalíticos, daquilo que as personagens não conseguem expressar em palavras, uma vez que nem tudo que circula no campo pulsional, inconsciente e afetivo pode se circunscrever ao nominável e representável. Há de se considerar os diferentes discursos e práticas da homossexualidade não manifesta, contingente – como acontecem em situações prisionais - ou nas quais se desvincula o uso do corpo com a afetividade, por exemplo, o caso de homens que mantém relações sexuais com outros, mas não se consideram gays, uma vez que estas relações se baseariam apenas na ideia da exterioridade do uso do contato e do gozo e não, necessariamente, pela presença de afetividade. Daí os (as) psicanalistas contemporâneos (as) falarem em homossexualidades no plural a fim de ressaltar a diversidade de posições, discursos, práticas e modulações subjetivas.

Finalmente, a presente exposição endossa a importância, no contexto dos estudos e da crítica literária, da necessidade de prover reflexões que evidenciem os conflitos vividos pelos sujeitos homossexuais frente à violência dos estereótipos dos papéis sexuais, das hierarquias e do desafio do autoconhecimento. Igualmente, importa salientar a posição da teoria psicanalítica na contemporaneidade que se encontra em uma nova *demarché* – em vigorosos retornos à Freud - no intuito de revisar os postulados sobre seus próprios objetos teóricos e sobre as diferentes condições da sexualidade humana em suas diversas manifestações intersubjetivas, práticas e pulsionais, dando, portanto, condições para pensar os fenômenos estéticos do homoerotismo sob chaves mais específicas e amplas.

### **REFERÊNCIAS**

- ABREU, Caio Fernando. *Morangos mofados*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.  
ADORNO, Theodor. *Teoria Estética*. Trad. Artur Morão. Lisboa, Portugal: Martins Fontes, 1970.

ARFUCH, Leonor. Cronotopías de la intimidad. In: ARFUCH, Leonor (Org.). *Pensar este tiempo: espacios, afectos, pertenencias*. Buenos Aires/Barcelona/México: Paidós, 2005, p. 239-290.

BASTOS, Aguinaldo; CABRAL, Alexandre Marques; REZENDE, Jonas. *Ontologia da violência: o enigma da crueldade*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2014.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Tradução Maria Helena Kühner. 2 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 193-220.

\_\_\_\_\_. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

\_\_\_\_\_. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 9 ed. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DIAS DA SILVA, Antonio de Pádua. Dos artefatos culturais que compõem a organização da literatura, homoerotismo e expressões homoculturais. In: MITIDIERI, André Luis; CAMARGO, Flávio Pereira (Orgs.) *Literatura, homoerotismo e expressões homoculturais*. Ilhéus: Editus, 2015, p. 07-10.

FERREIRA JÚNIOR, Nelson; BORA, Zélia. Itinerários homoeróticos na obra de Caio Fernando Abreu. *Terra roxa e outras terras*, Revista de Estudos Literários, v. 18, p. 109-117, 2010.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

FREUD, Sigmund. O estranho. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Jayme Salomão (Trad.). Rio de Janeiro: Imago, v.17, 1976, p. 275-314.

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, v. 7, 1976.

GARCÍA, Paulo César. *Literatura e representações do homoerotismo*. Salvador: EDUNEB, 2014, v. 2.

GINZBURG, Jaime. *Literatura, violência e melancolia*. Campinas: Autores Associados, 2012.

### *Gênero, sexualidade e identidades*

- HONÓRIO, José Carlos. *O amor com olhos de adeus: antologia do conto gay brasileiro*. São Paulo: Editora Transviatta, 1995.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho. O real e o sexual: do inominável ao pré-conceito. In: QUINET, Antonio; JORGE, Marco Antonio Coutinho. *As homossexualidades na psicanálise*. 2 ed. Rio de Janeiro: Atos e Divãs Edições, 2020, p. 19-32.
- MITIDIERI, André Luis; CAMARGO, Flávio Pereira (Orgs.) *Literatura, homoerotismo e expressões homoculturais*. Ilhéus: Editus, 2015.
- PAOLIELLO, Gilda. A despatologização da homossexualidade. In: QUINET, Antonio; JORGE, Marco Antonio Coutinho. *As homossexualidades na psicanálise*. 2 ed. Rio de Janeiro: Atos e Divãs Edições, 2020, p. 33-50.
- PIOSIADLO, Laura Christina Macedo; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da; GESSNER, Rafaela. Subalternidade de gênero: refletindo sobre a vulnerabilidade para violência doméstica contra a mulher. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 728-733, 2014.
- PORTO, Luana Teixeira. Literatura e sociedade: uma leitura da representação da homoafetividade em contos brasileiros do século. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 41, n. esp., p. 79-87, 2016.
- PRECIADO, Beatriz. *El deseo homosexual Guy Hocquenghem: terror anal*. Prólogo de René Schérer. Santa Cruz de Tererife (ES): Editora Melusina, 2009.
- QUINET, Antonio; JORGE, Marco Antonio Coutinho. *As homossexualidades na psicanálise*. 2 ed. Rio de Janeiro: Atos e Divãs Edições, 2020.
- QUINET, Antonio. Homossexualidades em Freud. In: QUINET, Antonio; JORGE, Marco Antonio Coutinho. *As homossexualidades na psicanálise*. 2 ed. Rio de Janeiro: Atos e Divãs Edições, 2020, p. 91-108.
- SANTOS, Daniel Barbosa dos. *Cultura política homoerótica entre a Grécia antiga e a (pós)modernidade: cientificismo, literatura e historiografia*. 270f. 2009. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 19-54, 2007.

SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade e movimento LGBT: estigma, diversidade e cidadania. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilian Moritz. *Cidadania, um projeto em construção*: minorias, justiça e direitos. São Paulo: Claro Enigma, 2012, p. 119-128.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TRÓI, Marcelo de. Te at(r)o Oficina, corpo dissidente na cena brasileira. In: COLLING, Leandro (Org.). *Artivismos das dissidências sexuais e de gênero*. Salvador: EDUFBA, 2019, p. 41-56.